

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NO PARÁ REVELADA EM INDICADORES DO DATASUS©

Victoria dos Santos Borges¹; Liliane Silva do Nascimento²; Glória Beatriz dos Santos Larêdo¹; Jessica Miranda da Silva¹; Veluma dos Santos Borges³

^{1,3}Graduação, ²Doutorado
^{1,2}Universidade Federal do Pará (UFPA), ³Centro Universitario do Estado do Pará (CESUPA)
vi.san.bor@gmail.com

Introdução: A violência contra a mulher é um agravo encontrado na Classificação Internacional das doenças no capítulo XX – causas externas, sendo essa divisão promovida pela Organização Mundial de Saúde – OMS para que houvesse uma sistematização universal. No Brasil, representa um problema de saúde pública que atinge as mais diversas camadas econômicas, sociais e raciais, apesar disso é muito negligenciada por parte dos profissionais da saúde e da sociedade em geral. A visibilidade e impacto dessa violência à saúde, se revelam nas notificações compulsórias e morbidades, entretanto nem sempre são verdadeiramente consideradas nos quadros de saúde a menos que cheguem a casos drásticos de violência. O DATASUS© é o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde e foi criado em 1991, para exercer o controle e processamento de dados da saúde para fins de subsidiar políticas públicas, dando ao governo dados mais precisos e próximos da realidade; sendo portanto muito importante no planejamento e avaliação de políticas públicas no Brasil que apesar de vir construindo políticas de atenção à mulher, ainda não conseguiu se mostrar tão eficaz a ponto de diminuir a gravidade dos números de mulheres, que em pleno século XXI, ainda sofrem com as questões de gênero em um país democrático.

Objetivos: Avaliar registros de violência contra a mulher no Estado do Pará utilizando a base de dados DATASUS© e analisar possíveis fatores predisponentes e prolongadores dessa violência. **Métodos:** Trata-se de pesquisa ecológica em banco de dados do DATASUS© para avaliar os registros de mortalidade por agressão e notificações compulsórias de violência no sexo feminino, principalmente na faixa de 15 a 49 anos de idade no quadriênio 2011-2014 no Estado do Pará. **Resultados e Discussão:** No Pará, entre os anos de 2011 e 2014 houveram 8540 notificações de violência contra mulher, sendo, mais atingidas, mulheres pardas, nas faixas etárias (ordem decrescente) 20-29, 15-19, 30-39 anos de idade e que cursaram até o ensino médio. No que diz respeito a localização, apesar do Pará ter 144 municípios, Belém e Santarém foram responsáveis por quase 80% das notificações; outros municípios como Altamira, Parauapébas e Barcarena, também concentram uma parcela significativa de relatos. Esses locais, tiveram um rápido e descontrolado crescimento populacional e de sua receita devido, principalmente, a chegada de grandes projetos minero-metalúrgicos, no entanto esse crescimento econômico chegou apenas à uma pequena parcela, aumentando ainda mais as desigualdades no município. Na análise e evolução dos casos pôde se ver que, na faixa etária de 15 a 19 anos, apesar de 45% das notificações terem como evolução a alta, mais de 50% teve progressão ignorada. Já na faixa etária seguinte, 74% dos casos evoluíram para alta, no entanto 13 casos culminaram em fuga e outros 7 em óbito por violência. Na faixa etária de 30 a 39 anos, 76% foram de alta, entretanto 20% dos casos tiveram desfecho ignorado, tendo na faixa etária seguinte porcentagens muito semelhantes. Números como esses podem ser explicados a partir de uma análise sobre o aumento do empoderamento da mulher com o decorrer da idade, a partir de um domínio maior sobre suas dependências financeiras e emocionais. Apesar disso é preocupante que na capital a taxa de evolução ignorada represente mais de 86%. Já em Santarém, a segunda mais violenta, os números se invertem tendo 75% evoluindo para alta da

paciente e apenas 24% é ignorado; o mesmo comportamento também pode ser visto nas outras três cidades supracitadas como focos do problema abordado. Sobre a tipologia da violência sofrida, mais de 70% das vítimas entre 15 e 49 anos sofreram violência física. Quando chega-se a violência psicológica e /ou moral, percebe-se uma triste e intrigante evolução no decorrer das faixas de idade sendo, a 15-19 com 36%, 20-29 com 55%, 30-39 com 61% e 40-49 com 65% das mulheres sofrendo esse tipo de agressão. Esses números podem refletir muito sobre o conhecimento das mulheres sobre um relacionamento abusivo, tendo a tese de que com o decorrer da maturidade elas conseguem detectar melhor comportamentos desse tipo em seus parceiros. Isso nos leva ao perfil do agressor das vítimas paraenses que, em sua maioria, são parceiros íntimos ou ex-parceiros das mesmas. Aprofundando um pouco mais as pesquisas, verifica-se que a morte por causas externas no sexo feminino, segundo a CID-10, tem maior incidência também na faixa de 20-29 anos, seguida por 30-39. O mesmo comportamento pode ser visto nos óbitos por agressão, sendo que de um total de 897 mulheres, 82% ocorreram em idades 15 a 50 anos e dessas 358 agressões por arma de fogo e por arma branca; e outro preocupante dado de que houveram 27 casos de morte por uso de força física, violência sexual, fogo e estrangulamento. Demonstrando, além de uma banalização da vida, um sentimento de posse sobre a vida dessas mulheres. **Conclusão:** Em 2013 foram assinados os decretos nº 7.958 e 8.086 pela Casa Civil, iniciando o processo que transformou os dados coletados em políticas públicas como a criação do Programa Mulher: Viver sem Violência, e o estabelecimento de diretrizes para o atendimento às vítimas de violência sexual pelos profissionais de segurança pública e da rede de atendimento do Sistema Único de Saúde, demonstrando uma mudança para um olhar mais assistencial as mulheres vítimas de violência. Porém é preciso atentar para uma nova temática de prevenção a esse problema, tendo em vista que a violência psicológica e moral esteve presente em muitos casos. Antes de tentar prevenir e combater essa modalidade de violência precisa ser esclarecida e desmistificada, para que então possa ser combatida. Para isso é preciso atentar para diversos aspectos como: psicológico, financeiro e físico. Por fim, em uma análise geral, podemos perceber que o juntamente com o número de notificações, cresceu também a quantidade de unidades de saúde que fizeram as notificações, tendo um aumento de 60% em apenas 2 anos, reforçando a importância de uma equipe multidisciplinar capaz de conhecer e reconhecer os seus assistidos. Fora a capital do estado, o que pôde ser visto foi um melhor comprometimento no que diz respeito ao desfecho das notificações, muito provavelmente devido à dimensão dos municípios.

Referências:

1. Ministério da Saúde. Portal da Saúde. Brasília. Ministério da Saúde © 2016 [Atualizada em 2016 Sept 23 ; acesso 2016 Sept 24]. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2016/maio/10/relatorio-programa-mulher-viver-sem-violencia.pdf>
2. Ministério da Saúde. DATASUS. Brasília. Ministério da Saúde © 2008 [Atualizada em 2016 Jun; acesso em 2016 Aug]. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinannet/cnv/violepa.def>
3. Lima ,GMB. Neto, AFP . Amarante, PDC. Dias, MD. Filha, MOF. Women in prison: meanings and everyday practices of coping with emphasis on resilience.Rev. Saúde em Debate • Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 437-445, jul/set 2013.

4. Freitas, WMF; Oliveira, MHB; Silva, ATMC. Concepções dos profissionais da atenção básica à saúde acerca da abordagem da violência doméstica contra a mulher no processo de trabalho: necessidades (in)visível. Rev. Saúde em Debate. Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 457-466, jul/set 2013.